

Porque devemos debater educação e ensino (o que penso sobre a educação, tema do 34º colóquio da lusofonia de 1 a 5 out 2020 em Ponta Delgada)

«interessa-me a educação pois ainda me preocupo com o mundo. Se queremos mudar o mundo, temos de investir na educação. A economia e a guerra não posso mudar pois estão nas mãos dos donos disto tudo, mas a consciência humana ainda pode ser mudada. Por isso me interessa pela educação. É possível mudar a consciência dos mais jovens. Mas temos de mudar de paradigma, a educação tem de ser valorizada com gente com talento e competência, com a vocação pedagógica, de transmitir valores (...)»

Page | 1

Desde que vim da Austrália para Portugal, há duas décadas, vi professores sem vontade nem vocação porque não podiam ser mais nada e ficaram enfasiados a dar aulas, sem que o sistema fizesse a triagem entre os bons profissionais e os maus, sem que algo fosse feito para dar formação pessoal e profissional aos que podiam ser bons professores, dedicados, interessados e capazes de aceitarem qualquer desafio de passar conhecimentos e ensinar a pensar. Vi a educação e o ensino serem degradados pela tutela e pela sociedade, com a família a dissolver-se e a endossar as suas obrigações parentais para os educadores. A escola passou a ser um armazém para onde se mandam as crianças enquanto se vai ganhar algum e os professores que os educam... quando há uma greve a preocupação dos pais não é sobre um dia a menos na missão de aprendizagem, mas um dia a mais sem ter onde deixar os filhos. A educação assistiu impávida ao massacre desses párias da sociedade, os professores, e por isso o orçamento baixou mais de 4% na secundária e básica e mais de 8% na terciária. Os professores qualquer dia passam a acampar na escola para fazerem o que os pais não fazem e deixarem de ser uns malandros, pois eram os únicos privilegiados, no resto da função pública ninguém se lhes iguala.

O ensino que temos é uma lástima, mas, propositadamente, escolhem-se os professores para bodes expiatórios da crise, e se bem que muitos mereçam ser punidos, a maioria come por tabela. Em vez de se extirparem os culpados, aplicam-se as novas medidas draconianas para os incumpridores e para os outros, os que se esforçam e cumprem, mesmo sem ambiente de trabalho apropriado, sem condições físicas ou materiais para exercerem a sua profissão, e receberem de prémio a honra de serem vilipendiados como prémio da sua dedicação. Os professores escolhidos para bode expiatório com carreiras congeladas. Os alunos, sem sequer estudarem, passam para não estragarem as estatísticas em Bruxelas.

Em 2005 numa conferência no ISAG Porto quase enfureci a assistência de catedráticos ao dizer que não gostava que a maior parte dos professores que a minha mulher estava a formar na ESSE IPB em Bragança viessem a ser professores do meu filho mais novo. Salvo poucas e honrosas exceções (e a culpa nem era deles) estavam tão incultos e impreparados que seriam uma desgraça como professores. Isso foi em 2005, hoje, aquela premonição peca por otimista. Em 2005 o meu filho mais novo chegou a S Miguel para acabar a antiga 4ª classe (4º ano de escolaridade) e no primeiro ano regredira já em tudo à medida que se integrava neste meio escolar. Desde há muitos anos (décadas) que venho propugnando para que aos maus professores, incompetentes, impreparados sejam facultadas ações de formação obrigatórias e caso não se adaptem que sejam expurgados da classe.

Defendo a meritocracia que vivi na Austrália que premeia os resultados e os esforços (mesmo que seja fora da caixa = outside the box) em vez de termos umas avaliações de professores, tipo faz-de-conta, que ninguém quer e para nada servem. Lamento, mas nem todos nasceram para ensinar.... Também, ao contrário do que vem sendo anunciado desde 1974, nem todos nasceram para aprender. Nesta fase de rápida mudança, assistimos a um ensino que se assemelha ao do século XIX, mas sem os castigos corporais, as orelhas de burro, as palmatoadas, etc. Assiste-se a um total desrespeito pela Escola e pelos professores, quer por alunos, por pais e pela sociedade em geral. De ano para ano assiste-se a um menor rendimento e preparação dos alunos, e creio que tal se deve ao desaparecimento da velha guarda de professores primários da Escola do Magistério. Depois, há a necessidade e a obrigatoriedade passar os alunos, custe o que custar. Recentemente, surgem, cada vez mais, casos de

Porque devemos debater educação e ensino (o que penso sobre a educação, tema do 34º colóquio da lusofonia de 1 a 5 out 2020 em Ponta Delgada)

alunos com necessidades especiais que servem para justificar a integração nos quadros de pessoal docente com curtos cursos de “necessidades especiais”. Os professores são tradicionalmente avessos à mudança, não se cultivam nem fazem formação pessoal e profissional capaz (e a culpa nem é só deles), gostam de engrunar a sua rotina de ensinar e repetem modelos exaustos, anualmente modificados, alterados, atualizados...por outro lado, cada vez tem menos tempo para ensinar e preparar aulas, gastam enormidades de tempo em reuniões improfícuas sobre tudo e mais alguma coisa além das constantes alterações da tutela. Os alunos de meios desfavorecidos (rurais ou urbanos) não têm ao seu alcance alternativas de ensino, andam contrariados, desmotivados e muitas vezes não querem mesmo aprender.... O resto direi noutra altura...

Page | 2

Entretanto como os miúdos não gostam de Filosofia, Matemática e outras coisas sem relevância, o melhor a fazer é cortar essas disciplinas e seu peso curricular. Os editores agradecem, pois sempre são mais uns livritos a imprimir para os encarregados de educação comprarem. Depois, em vez de porem as crianças a gostar da língua e da gramática inventaram a TLEBS, coisa muito fina, própria de doutores, esquecendo-se que a TLEBS é boa para os filólogos e estudantes do ensino superior que se dedicam àquela área específica da língua. Vai haver uma certa dificuldade porque no ensino do Francês, Inglês e doutras línguas não se podem ensinar aqueles palavrões porque essas línguas se esqueceram de adotar a TLEBS, claro está que a França e a Inglaterra (como todos sabem) são países de analfabetos que não percebem nada de linguística e ninguém lhes disse que Portugal inventara a TLEBS.

Tenho andado preocupado com o que se passa neste país à beira-mar prantado, e com a educação dos portugueses. Há um número crescente de docentes impreparados. Por aquilo que já observara nos alunos da minha mulher enquanto habilitara professores, no triénio que lecionara na Escola Superior de Educação de Bragança, a tendência mantém-se. O erro começou com o fim da vetusta Escola do Magistério e com a criação das Escolas Superiores de Educação. Excesso de escolas superiores, de universidades e quejandos, sem cumprirem os requisitos mínimos de exigência e competência. Mais uma boa ideia no papel que não funcionou na prática, mas serviu para aumentar os rendimentos das instituições que os ministravam.

Hoje, o ensino primário e secundário é demasiado lúdico com tudo a fingir e a brincar para não sobrecarregar os meninos. Passou-se da memorização excessiva à não-memorização para não sobrecarregar os frágeis cérebros das crianças...A tabuada era fascista? A obsessão hodierna é com as más notas da OCDE, da EU e do sistema PISA. Isto implica a necessidade de passar todos os alunos, a todo o custo, sem esforço algum, a não ser para os professores que se atrevem a chumbá-los. Neste caso, deparam-se com uma escalada aos Himalaias ou o equivalente a uma tese de mestrado para preenchimento de relatórios.... Isto vai permitir que personagens iletradas, analfabetas cheguem à universidade sem saberem fazer cálculos aritméticos básicos.

Quase ninguém sabe escrever uma composição daquelas que eu ortografava na velhinha terceira classe. Compreensão de textos? Que é isso? Basta alinhar umas palavras que já demonstram conhecimentos...afinal estamos na era SMS, mensagens de texto incompreensíveis para a maioria dos mortais nascidos antes de 1980? Na Nova Zelândia já aceitam respostas a testes em linguagem textual...em Portugal há demasiados professores avessos a novas tecnologias. Grassa também uma total falta de respeito pelos professores, a que muito ajudou o governo e a sua campanha de denegri-los como bode expiatório. Os alunos desordeiros, rufias, indisciplinados, mal-educados, ordinários, violentos podem desestabilizar as aulas que as medidas de coação impostas serão mínimas. Mesmo depois de baterem nos professores, ou ameaçarem-nos com armas, verdadeiras ou de imitação, continuam a ir às aulas.

Porque devemos debater educação e ensino (o que penso sobre a educação, tema do 34º colóquio da lusofonia de 1 a 5 out 2020 em Ponta Delgada)

Portugal pode um dia, chegar a algum lado, e isto nada tem a ver com o sistema de ensino atual....o ensino bom ou mau, com umas ou outras regras, será sempre aquilo que os professores forem ou quiserem ser. Há professores desiludidos com o sistema, é certo, mas a maioria tem dezenas de anos de trabalho e de dedicação pelos quais se podem lamentar. Há outros, porém, que agem contra as normativas ministeriais portuguesas porque lhes retiram "privilégios" ou "mordomias" e os obriga a fazerem "formação" coisa horrenda que todos detestam, esquecendo-se de que em países ditos civilizados as pessoas fazem formação até morrer, mesmo bem depois de reformados (não estou só a falar da minha pátria australiana, mas de outros países). Claro que nem toda a formação será a que mais interessa, mas há sempre a que cada professor ou pessoa pode escolher independentemente de ser mandatada pelo ministério. Vê-se aliás como os professores em Portugal são avessos a formação ou investigação científica (a menos que se repercuta em saltos de carreira ou interesses pecuniários). Tive a oportunidade de o constatar ao longo dos últimos anos com a repetida ausência de docentes (do primário, secundário ou terciário, fossem da área de Português ou não) nos Colóquios da Lusofonia. Cada pessoa, professor ou não tem a obrigação de ir para além do que o ministério manda, pois, a sua principal obrigação não é para com o ministério que lhe paga, mas com os alunos que tem de educar, é daí que surge o étimo magistério...caso contrário deve dedicar-se a outra atividade profissional menos exigente ou para a qual tenha mais vocação.

Page | 3

Assim como nem todos podem / devem ser pais / mães, nem todos deviam / podiam ser professores... Este tipo de provas de que falam para confirmar a falta de literacia existente em cada pedacinho de terra portuguesa, pode mostrar muitas coisas, mas a falta de literacia de muitos professores (no passado seria diferente) anda de mãos dadas com a de muitos alunos... Estamos todos desiludidos com o "sistema" (aliás a palavra veio de um dirigente desportivo) mas poucos fazem além de se queixarem. Nos meus tempos ainda se lutava contra a guerra colonial e outras coisas importantes, mas atualmente já ninguém luta por nada, embora todos lutem contra tudo e todos... Esquecem-se os queixosos de que muitas vezes a revolução deve começar por nossas casas antes de chegar à sociedade, e se não investimos na tal formação (só por mero gozo pessoal ou vontade de nos melhorarmos) não iremos longe, seguiremos a pisada dos nossos iletrados e incultos políticos que tão bem nos dirigem, como os pastores conduzem os seus rebanhos de cordeiros. (Portugal é uma carneirada, que me desculpem os carneiros).

Um número crescente de professores mal-preparados e por aquilo que observei nos alunos da minha mulher enquanto ela preparava professores no triénio em que estive na Escola Superior de Educação de Bragança, a tendência mantém-se. Excesso de escolas superiores, de universidades e quejandos sem cumprirem os requisitos mínimos de exigência e competência. O ensino primário e secundário demasiado lúdico com tudo a fingir e a brincar para não sobrecarregar os meninos. Passou-se da memorização excessiva à não-memorização para não sobrecarregar os frágeis cérebros das crianças... A obsessão com as más notas da OCDE e da UE e a necessidade de passar todos os alunos, a todo o custo, sem esforço algum, a não ser para os professores que se atrevem a chumbá-los e se deparam com um mestrado em preenchimento de relatórios.... Isto permite que personagens iletradas, analfabetas cheguem assim à Universidade sem saberem fazer cálculos aritméticos básicos ou escrever uma composição daquelas que eu escrevia na minha velhinha terceira classe.

A predominância no Ministério da Educação de "mentes brilhantes" formadas na linguagem a que se chama "eduquês" e é politicamente correto para impressionar o parolo, ou como dantes se dizia num francesismo típico "pour épater le bourgeois," que é aquilo porque todos aspiram "serem bourgeois", mais prosaicamente "para inglês ver" que nisto de impressionar os estrangeiros é connosco... Esses brilhantes funcionários, eternos românticos de pedagogias gastas e inadequadas, botam faladura que ninguém entende, criam novas terminologias para que todos se impressionem com a sua inteligência opaca e baça e dão palmadas nas costas (uns dos outros) pelo seu arrojo e coragem em mudar... por isso é que a educação mudou mais vezes desde que nasci do que muita gente muda de camisa numa

Porque devemos debater educação e ensino (o que penso sobre a educação, tema do 34º colóquio da lusofonia de 1 a 5 out 2020 em Ponta Delgada)

vida inteira (mas isso de ensinar a higiene não deve ser feito nas escolas...para não maltratar o amor-próprio das criancinhas).

Pelo que atrás resumi, e por tanto que poderia acrescentar, afirmo que no tempo da velha senhora qualquer pessoa que completasse uma 4ª classe, um 5º ou 7º do Liceu evidenciava competências e saberes, sabendo ler e escrever, e os profissionais (juizes, médicos e outros) eram mais competentes (mesmo amordaçados pela censura), habilitados a desempenhar as funções sem alguém duvidar do seu percurso e preparação científica, técnica e intelectual. Bem sei que então um exame de Inglês (técnico ou não-técnico) não se fazia por fax, nem com aulas privativas de reitores nominais, nem ao domingo em universidades de “faz-de-conta” que depois de graduarem os alunos, encerram-se por decreto. Não se cancelam os títulos de “faz-de-conta” que já emitiram, a ministros, membros do governo e da oposição. Será que alguém sugeriu ao primeiro-ministro que se fosse bom e competente não precisava de “canudo”?

Page | 4

Naquele tempo antigo que foi o meu, os que não estudavam eram excluídos do sistema escolar e iam mais cedo para a tropa e guerra colonial. Hoje arrastam-se pelas salas de aula para maltratarem professores, para não estudarem nem deixarem estudar, pois há de haver sempre um programa profissionalizante ou similar para lhe dar umas luzes e que pomposamente o habilitam a estragar a nossa canalização, a não saberem servirem num café, ou em qualquer outra das atividades a que se dedicarão. Mas não me digam que um bom professor não consegue - mesmo contra estas adversidades - fazer algo dos alunos, porque casei com uma professora que o consegue. Não quero acreditar que seja a única, nem que seja a exceção (sei que não será a regra) e assim como ela consegue outros poderiam se se dessem ao trabalho de tentar.

Tudo isto acontece já, hoje e aqui, e só vai piorar. O Big Brother está nas nossas vidas e nós aceitamo-lo sem pruridos. É fácil saber o que fazemos, onde estamos e o que compramos, através dos cartões de crédito e débito, do novo cartão de cidadão, da passagem pelas portagens numa qualquer estrada, pelo Metro e seu “Cartão Andante”, pelas câmaras nos centros comerciais e em toda a parte. Não se admirem se, qualquer dia, com a nossa inconformidade e individualismo pudermos ser privados da nossa pseudoliberalidade, por não termos cumprido as normas de higiene e de saúde que “eles” determinaram serem obrigatórias. Cada vez há menos espaço para seres pensantes e questionadores como eu. Só espero que isto não acelere demasiado para os anos de vida que ainda tenho. Não se preocupem demasiado, eu sou assim e esta fobia excessiva que tenho contra as bases de dados, é um sinal evidente da minha hipocondria e da necessidade absoluta que existe de me internarem como um perigo para a sociedade uniforme e cinzenta que me querem impor. Ah! Se eu ao menos tivesse cá a cicuta.

Aprovada pela maioria socialista na Assembleia da República uma conquista inolvidável de todos os “esquerdistas” traumatizados (ler adiante). Alguns ficaram com pena de se não ir mais além. De não ter havido coragem para desobrigar totalmente os alunos de frequentarem aulas. Reduzia-se imenso o défice nacional, dispensando milhares de professores, só necessários no caso extremo e anormal de exames ou provas de avaliação. As famílias felizes com os filhos de excelente aproveitamento escolar, até podiam ser doutores, o governo exultava com as estatísticas para Bruxelas ver e acabava-se com a fascista prática de obrigar crianças e adolescentes a aprenderem matéria que não serve para nada.

Jornal Público Notícia 2008-01-18 11:09:00

O novo diploma permite que os estudantes passem de ano sem frequentar as aulas, desde que sejam aprovados nas provas de recuperação. A reprovação só ocorre se o aluno faltar sem justificação à prova de recuperação, ficando retido, no caso do básico, ou excluído da frequência da disciplina, no caso do secundário. O prazo limite de faltas não justificadas é de duas semanas, no primeiro ciclo, e

Porque devemos debater educação e ensino (o que penso sobre a educação, tema do 34º colóquio da lusofonia de 1 a 5 out 2020 em Ponta Delgada)

do dobro dos tempos letivos semanais de uma disciplina, se o estudante frequentar os restantes níveis de ensino.

Mas os desígnios do governo eram mais avançados (como escrevi, ver [14.4. DESERTIFICAÇÃO](#)): fechar o interior para ficar como coutada de ricos que ali poderiam comprar umas casinhas ao desbarato para passarem férias. Deveriam ter encerrado todo o país. Com a nação fechada era mais fácil governá-la. Gastava-se menos dinheiro e resolvia-se o problema do défice. Os espanhóis vinham e plantavam tudo o que os portugueses não plantam, porque não dá, ou não vale a pena, dizem os lusos. Faziam disto uma quinta espanhola, à moda dos do Faial que entendiam o Pico como colónia privativa de férias. Só havia um problema, os tucas têm uma produtividade elevada quando trabalham no estrangeiro. Aí era uma chatice. Se começassem a trabalhar nas hortas espanholas, que dantes eram portuguesas, podiam habituar-se a trabalhar no duro e tornavam o país rentável...

Page | 5

Faltou frisar que a ideia da nova educação é fazer com que os professores estejam cada vez menos preparados e criem alunos ignorantes. É a teoria do mínimo denominador comum. Não interessa a nenhum governo uma população culta, educada e lida...depois era mais difícil regê-los. Segue-se uma nova versão da máxima salazarista "quanto mais ignorantes mais felizes..." ou como o amigo Daniel de Sá levemente me avisou, no seu formato original, a máxima de Salazar era: "Um povo culto é um povo infeliz." Sejamos felizes, sejamos incultos. A razão de todas as infelicidades reside na Santa Cultura que tanta dor pariu. Depois criam-se artificialmente novas castas (este país sempre foi um país de castas).

Primeiro, havia uma dicotomia entre professores primários, secundários e os universitários. Vasos não-comunicantes e estanques. Depois passaram os primários para professores do básico. Não lhes deram mais instrumentos de cultura e de formação, promoveram-nos no nome, título e casta. Fizeram isso com os do secundário e restava agora a dicotomia entre os do Politécnico e os das Universidades. Como não deram mais formação, nem preparação nem educação, os professores primários (e a minha mãe era-o) apesar de serem agora equivalentes aos antigos professores de Liceu continuavam com a velha mentalidade, impedindo o sistema de seguir e evoluir (as honrosas exceções que ainda existem e no ativo que me perdoem este desabafo). Sentem-se atacados quando os colegas que vêm de outros ramos do ensino e com outra formação académica os confrontam e, no entanto, eram professores primários capazes, mais que os atuais.

A ignorância e a falta de preparação dos professores atuais até doem. Já basta os programas que pouco ou nada ensinam (cada vez mais curtos, inúteis e fúteis para contrapor a asserção vigente no meu tempo de que aprendíamos coisas que não serviriam para nada). Claro que a falta de preparação dos professores aplicada na educação de massas, caracterizada pelo mínimo denominador comum, vai perpetuar o ciclo descendente de conhecimentos, e cada vez haverá mais burros nas fileiras. Isso é altamente importante para os políticos no poder. Quanto mais iletrados os professores e alunos, melhor serão conduzidos os dez milhões de cordeiros do rebanho. A educação é uma fábrica de analfabetos para ensinar mais analfabetos futuros. Os professores são os únicos profissionais em Portugal que fazem como o caracol (casa às costas). Porque não os médicos, enfermeiros e outros? Só professores? Apetece-me propor a extensão do sistema de avaliação dos professores a outras profissões:

Já que muitos defendem e compreendem o modelo proposto para a avaliação dos docentes, estranho que, por analogia, não o apliquem a outras profissões (médicos, enfermeiros, juizes, etc.). Se sabem o que está em causa e as virtualidades do modelo, vamos imaginar a sua aplicação a outra profissão, os médicos.

Porque devemos debater educação e ensino (o que penso sobre a educação, tema do 34º colóquio da lusofonia de 1 a 5 out 2020 em Ponta Delgada)

A carreira seria dividida em duas: Médico titular (a que apenas um terço dos profissionais pode aspirar) e Médico.

A avaliação seria feita pelos pares e pelo Diretor de serviços.

O médico titular teria de assistir a três sessões de consultas, por ano, dos seus subordinados, verificar o diagnóstico, tratamento e prescrição de todos os pacientes observados.

Avaliaria também um portefólio com o registo de todos os doentes a cargo do médico a avaliar, com todos os planos de ação, tratamentos e respetiva análise relativa aos pacientes.

O médico teria de estabelecer, anualmente os seus objetivos: doentes a tratar, a curar, etc.

A morte de qualquer paciente, ainda que por razões alheias à ação médica, seria penalizadora para o clínico, bem como todos os casos de insucesso na cura, mesmo que sofressem de doença incurável, ou terminal.

Seriam avaliados da mesma forma todos os clínicos, quer a sua especialidade fosse oncologia, nefrologia ou cirurgia estética...

Poder-se-ia estabelecer a analogia completa, mas penso que os nossos 'especialistas' na área da educação não terão dificuldade em levar o exercício até ao fim.

A questão é saber se consideram aceitável o modelo?

Caso a resposta seja afirmativa, então porque não aplicar o mesmo, tão virtuoso, a todas as profissões? Será?!

Já agora...poderiam começar a 'experiência' pela Assembleia da República e pelos (des)governantes.

A ideia foi criar uma sociedade dócil, massificada na sua ignorância através dos cursos abreviados tipo "Bolonha", as "Novas Oportunidades" e de outros diplomas a "martelo", incapaz de pensar, de argumentar, de discursar ou filosofar. Como os professores mais novos já pertenciam a essa "colheita", em breve, toda a nação se regeria por esse protocolo entorpecente. Seria depois muito mais fácil, manipulá-los, enganá-los e explorá-los. Por outro lado, a sociedade iria depender economicamente do Estado para desenvolver os seus projetos e atividades. Já tive empregadas domésticas com a velha quarta classe mais cultas do que alguns dos professores formados a martelo nas fábricas de salsicha atuais (perdão, fábrica de canudos).

A minha geração e, antes dela, a dos nossos patronos da AICL (Bechara e Malaca Casteleiro), foi criada na certeza de que nada era fácil nem havia almoços grátis. Havia trabalho, muito e mal pago, e a esperança de que fosse reconhecido pois todas as promoções eram a pulso na longa escalada que encetámos. Assim, essa geração subiu a novos patamares à custa de trabalho, esforço, estudo e aprendizagem contínua. Tínhamos coisas sagradas a que chamávamos princípios e ética. Líamos, debatíamos, estudávamos e aprendíamos toda a vida.

Hoje constata-se o que foi feito nas últimas duas décadas para destruir o tecido escolar, com a facilitação extrema para falsificar estatísticas, programas especialmente elaborados para ninguém ficar para trás, a redução substancial da quantidade e conteúdo de matérias a aprender, o lento esquecimento a que a História foi votada porque os nossos antepassados eram politicamente incorretos, a marginalização da Filosofia porque poderia levar os jovens a pensar e os maus-tratos dados à Língua Portuguesa. Temos hoje uma vasta gama de professores incultos, e a maioria dos alunos analfabetos funcionais, incapazes de compreender ou debater o que leem. Os autores que estudamos foram substituídos para que hoje fosse quase impossível criar uma geração filológica-linguística como a do Cenáculo¹ ou até mesmo compreender esse fenomenal, extraordinária e inexplicável centro de espírito e de estudo, de fantasia, de ideias numa sociedade banal como era Lisboa naquela época.

*Perguntará o leitor menos esclarecido por que razão incluo professores nesta citação, correndo o risco de repetir a mensagem que deixei nos livros *Crónicas*: os professores, capazes, bem formados e*

¹ http://www.citi.pt/cultura/literatura/romance/eca_queiroz/conferencias_casino.html

Porque devemos debater educação e ensino (o que penso sobre a educação, tema do 34º colóquio da lusofonia de 1 a 5 out 2020 em Ponta Delgada)

competentes, são a base sustentável de um povo democraticamente esclarecido e produtivo. Sem educação não há país. Sem eles criaremos, cada vez mais, ditaduras de países irrelevantes, por mais importantes que aparentem ser no dia-a-dia.

Pequenos e irrelevantes países de gente inculta e ignorante predestinada à escravidão.

Preocupa-me a deficiente formação dos professores de Português (entre outras áreas do conhecimento) e o inusitado elevado número de erros de Português (sem falar de erros ortográficos) que surgem nas escolas de todo o país. Nunca, como hoje, houve tantos meios auxiliares para se escrever bem, desde corretores ortográficos ao acesso ilimitado que a internet permite.

Page | 7

A minha ética é o trabalho e se trabalho “pro bono (graciosamente)” nos colóquios da lusofonia e atividades paralelas, é a opção que não me remunera materialmente, mas me dá o prazer que o trabalho pago nunca me deu. Opções que não imponho a ninguém. Quando trabalhava por conta de outrem dei sempre mais do que recebi, na função pública ou na privada. Raramente vejo isso nos que me rodeiam, exceção feita à mulher que me aceitou a meio da vida e a uns tantos que conheço. O restante (falo dos professores agora, para exemplo), são uma desgraça. Deveriam ser expulsos se houvesse sistemas de mérito na progressão de carreira e verificação de competências. São professores porque não podiam ser mais nada e não pela dedicação à nobre e decadente arte de ensinar. Entendo que o trabalho deve ser justamente remunerado e a carreira deve ter progressão, de acordo com o trabalho desenvolvido onde tudo é mensurável. Assim, os melhores devem ser recompensados, os maus retreinados ou formados, caso contrário, reformas compulsivas, sem apelo nem agravo.

Na Austrália os funcionários públicos eram avaliados assim e progrediam graças ao mérito. Era um sistema mais justo em que as sugestões dos funcionários iam até aos ministros, que muitas vezes, eram forçados a mudar as normas “Top Down” pois não funcionavam na prática e ninguém melhor do que os que estão na linha da frente para avaliar o impacto das mesmas. Hoje, no ensino (e função pública, em geral) qualquer norma é rejeitada por ninguém querer mudar nem ter mais trabalho, os funcionários públicos regem-se pela lei do menor denominador comum ou do menor trabalho útil.

Nesta data (outº 2017) a Fundação Francisco Manuel dos Santos, através do seu Projeto “Pordata” fez um estudo intitulado “Retrato dos Açores”, no qual deu a conhecer dados preocupantes sobre a nossa realidade insular. No que diz respeito, por exemplo, à Educação, ficamos a conhecer que a taxa de abandono escolar dos jovens com idade fixada entre os 18 e os 24 anos é mais do dobro da média nacional. Em relação aos jovens com mais de 15 anos, verificamos que 7 jovens em cada 10 não completa o ensino secundário, valores muito piores do que em qualquer outra região de Portugal. O ensino que temos atualmente é o fruto de muitas “experiências” anuais infelizes, desde os alunos transitarem sem sequer saberem ler a outras, e agora os resultados estão à vista. Acrescente-se o facto de muitos pais não terem instrução (a velha 3ª classe era a norma e agora será o 6º ano das “Novas Oportunidades”) nem interesse em acompanhar os filhos, o resultado será sempre o de insucesso escolar e total fracasso das políticas educativas, por melhores professores que possa haver (também os há, mesmo que sejam uma minoria). Infelizmente, trabalhamos para a estatística. Os bons alunos sempre o serão, mas os restantes são a maioria.

O ministro das Finanças autorizou que os salários dos novos membros do Banco de Portugal sejam aumentados em 50%, mas o mesmo governo, pelo seu iluminado ministro da educação, chantageando os professores ameaçava cortar 6 anos e meio de contagem de serviço. E o primeiro-ministro reiterava: “não ser possível acordo com “posição intransigente” de sindicatos de professores, frisou, reiterando que a proposta do Governo permitiria contar dois anos, nove meses e 18 dias.”

Porque devemos debater educação e ensino (o que penso sobre a educação, tema do 34º colóquio da lusofonia de 1 a 5 out 2020 em Ponta Delgada)

Quanto a isto resolvi propor: ATT PROFESSORESDESFAÇAM-SE DOS 23 SINDICATOS E CRIEM UMA ORDEM DE PROFESSORES....ou continuem mais desunidos que nunca e sem conseguirem nada do que é justo. Infelizmente não auguro sucesso algum a esta minha proposta, que desagradaria ao governo, aos sindicatos e aos seus líderes (que apenas cuidam de manter as suas mordomias e já nada entendem de ensino pois não o praticam há décadas) e permitiria que os professores falassem a uma só voz na defesa dos seus legítimos interesses.

Page | 8

E por último, uma certeza de que há muito suspeitava. Há cursos e diplomas que são comprados por tuta e meia. Ontem de tarde, uma jovem, alegadamente moradora na Lomba da Maia, bateu à nossa porta a pedir para falar com um dos professores. Resumidamente o que ela queria era pagar para um de nós lhe fazer uma prova escrita de avaliação que tinha de apresentar para ter o 12º ano do ensino profissionalizante ou idêntico. Ficou admirada com a nossa rejeição e dizia, mas eu pago, eu pago. Nem nos demos ao trabalho de saber se queria pagar 5, 10 ou 20 euros pelo trabalho, enquanto ela insistia que todos os outros faziam isso e que ela não sabia pôr em palavras dela as respostas ao teste. Não sei a que porta foi bater a seguir, (há mais professores na Lomba) mas sei que há mais alguém que vai tirar um canudo por trabalhos que não fez e um dia dirá que tem o 12º ano embora os seus conhecimentos não passem de uma 4ª classe na designação antiga do 4º ano de escolaridade.